
APORTES y Transferencias



Año 10

Volumen 1

2006

Mar del Plata

Centro de Investigaciones Turísticas
Facultad de Ciencias Económicas y Sociales
Universidad Nacional de Mar del Plata

Centro de Documentación
Instituto de Investigaciones
Facultad de Ciencias Económicas y Sociales
Universidad Nacional de Mar del Plata
cendocu@mdp.edu.ar
<http://eco.mdp.edu.ar/cendocu/>

ESPAÇOS DE TURISMO E DE LAZER URBANOS - UMA LEITURA GEOGRÁFICA

Adyr Balastreri Rodrigues

adyr@ip2.com.br

A lei do tempo como valor de troca e como força produtiva não se imobiliza no limiar do lazer, como se escapasse miraculosamente de todos os constrangimentos que regulam o tempo de trabalho. As leis do sistema (de produção) nunca entram de férias. Reproduzem incessantemente por toda parte: nas estradas, nas praias, nos clubes, o tempo como força produtiva. O aparente desdobramento do tempo de trabalho e tempo de lazer - inaugurando este a esfera transcendente da liberdade - constitui um mito (AUDRILLARD, 1995: 163).

URBAN SPACES FOR LEISURE AND TOURISM - A GEOGRAPHIC POINT OF VIEW

Adyr Balestreri Rodrigues

Abstract

This article recognizes the increasing importance of tourism due to the growth of urbanization by appreciating the value of the third sector as labor force.

Facts and changes in social structures generate expectations and practices that multiply and diversify the urban spaces for leisure and tourism.

The presence of thematic parks and shopping centers, standardized spaces for leisure, makes us think about the difference between space and place, world lived, and the concepts of territory and territoriality which consider the use of space as a means to appreciate the ideology of local development and tourism as a way to generate cultural codes based on images that replace reality and persuade people to follow patterns and behaviors imposed by consuming society. This article presents a definition of spaces for leisure and tourism by incorporating the geographic concepts of place, territory and space. It also questions the alienated consumption, leisure activities, the loss of open public spaces and spatial segregation of public and private equipment and the use of cultural heritage for the purpose of leisure and tourism.

Palavras introdutórias

O turismo e o lazer assumem no mundo contemporâneo, particularmente, nos países centrais do capitalismo e mesmo em regiões ricas dos países emergentes e pobres, uma importância nunca antes imaginada, sendo designado por muitos como uma das principais indústrias do período técnico-científico-industrial, rotulado também por pós- modernidade.

O fenômeno da urbanização é indiscutivelmente um dos elementos fundamentais para explicar a razão pela qual a prática do turismo e do lazer cresce quase proporcionalmente ao adensamento da população em organismos urbanos, de forma mais nítida, nos países centrais do capitalismo, onde o chamado setor terciário afirma-se como o maior concentrador da força de trabalho, sinalizando uma ultrapassagem da economia alavancada maioritariamente pela indústria, fenômeno que sinaliza o ingresso no rol dos países caracterizados pela sociedade pós-industrial. Entre os componentes deste processo, relacionados aos grandes progressos nos domínios da ciência, da técnica e da informação surgem novas relações de trabalho, tais como a terceirização, a produção flexível, o teletrabalho, elementos que modificam substancialmente os aspectos espaço-temporais ligados à produção, circulação, distribuição e consumo de bens materiais e também imateriais, estes permeados por valores simbólicos.

Acrescente-se a esse feixe imbricado de eventos as mudanças expressivas nas estruturas sócio - profissionais e etárias da população, com um grande aumento na expectativa de vida, que se traduz por um crescimento notável das faixas etárias maduras - cuja velhice vê-se postergada - estratos suficientemente aptos e ativos para o trabalho e para o lazer.

Na mesma proporção que aumenta a importância do lazer e do turismo multiplicam-se e se diversificam os espaços destinados às práticas destas atividades, interferindo diretamente nas formas espaciais urbanas expressas pela paisagem.

Ao sobrevoarmos uma cidade de médio porte para categoria maior podemos identificar nitidamente estes espaços: praças públicas geralmente arborizadas, áreas verdes correspondentes a parques urbanos ou peri-urbanos, quadras poli-esportivas, piscinas públicas, estádios de futebol, shoppings - centers, centros culturais, clubes urbanos e peri-urbanos, jardins zoológicos, represas propícias a esportes náuticos, praias, pesqueiros, parques temáticos, resorts e hotéis, centros de convenções, feiras e exposições, espaços para rodeios, entre outros.

Ao observador desavisado ou mesmo aos habitantes da cidade, freqüentadores ou não destes espaços, passa despercebido o aspecto político que permeia a implantação de um equipamento público e a sua situação geográfica, as características sociais dos bairros onde eles são implantados, a facilidade ou dificuldade de acesso, aspectos importantes que vão facilitar ou dificultar as condições de uso, podendo desencadear sérios conflitos, que vão da superlotação ao abandono e depredação. Possivelmente poucos perceberão a segregação socio-espacial que permite a fruição de uns em detrimento de outros. É provável que muito poucos questionarão porque um determinado equipamento foi exitoso, ao contrário de outros que já nasceram destinados ao abandono. Dificilmente propor-se-ia uma pesquisa de opinião junto aos cidadãos

- sujeitos do processo - para avaliar seus desejos e expectativas. Enfim, a escolha dos locais e as práticas propostas passam longe da gestão compartilhada, onde as comunidades exerceriam o poder de decisão e participariam ativamente de todas as etapas da implantação dos equipamentos, permeadas pela concepção, execução e gestão coletiva dos mesmos.

O presente trabalho objetiva prioritariamente sinalizar alguns marcos teóricos referenciais com base nos postulados da Geografia Humanística, que devem ser considerados na análise dos espaços de lazer e de turismo, fornecendo pistas que poderão ser importantes para o planejamento e a gestão dos equipamentos, ou inclusive para avaliações e reorientações de uso. Questionamos também a manipulação da opinião pública no ato de produção de imagens de muitas atrações turísticas, ou até de cidades inteiras, as quais arditosamente trabalhadas pelo marketing e pela publicidade conseguem atrair grandes fluxos de turistas, cujo único objetivo é a diversão.

Espaço, lugar, mundo vivido

Antes de apresentarmos uma tipologia dos lugares de lazer e de turismo urbanos é conveniente tecer alguns comentários sobre a matriz teórica formulada no seio da Geografia Humanística, que diferencia espaço de lugar, podendo este também ser entendido como mundo vivido.

Teóricos da linha humanística, entre os quais destaca-se Yu-Fu Tuan, observam que o lugar difere do espaço geográfico cartesiano, sendo eivado de significados e valores inseparáveis da experiência daqueles que o habitam, assim como dos seus pensamentos e dos seus sentimentos. O lugar é pleno de significados, condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto das nossas ações e fonte da nossa identidade.

Milton Santos, considerado um dos maiores pensadores da Geografia contemporânea brasileira, nos tempos de globalização, que rotulava de perversa, freqüentemente quando que se referia ao lugar o identificava como a arena do exercício das contrafinalidades, "localmente geradas, o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta" (SANTOS;1996:93-94)

Além de uma superfície topológica, o lugar é moldado pela intenção humana. A geografia do mundo vivido deve buscar os nexos entre o passado e o presente através dos ritmos espaciotemporais da vida humana, considerando que "o tempo é sempre algum lugar e o lugar é sempre algum tempo". A noção do tempo é fundamental não só para entender a organização espacial (formas) que se transmuda durante o processo histórico, mas também as ações que, de maneira distinta, evoluem com o tempo, produzindo novas relações que se expressam através de novos objetos, e assim sucessivamente.

O processo de experienciar um determinado lugar dá-se através das diversas dimensões da percepção: a semsório-motora, a cognitiva, a afetiva, a estética e a simbólica. E' de acordo com a percepção que se atribui valor aos lugares, valoração que poderá ser distinta para diferentes grupos e indivíduos.

Para Tuan (1983:9) a experiência é impregnada pelos sentimentos e dá colorido às ações humanas, a começar pelas sensações primárias de frio e calor, prazer e dor. A ação de experienciar expressa a capacidade de aprender a partir da vivência. O autor distingue espaço de lugar observando que espaço é mais abstrato que lugar uma vez que "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (IDEM:6). O espaço corresponde ao estranhamento, enquanto o lugar significa aconchego.

Para a concepção, implantação e gestão de equipamentos de lazer estas formulações teóricas não devem ser desconsideradas, pois os planejadores, pelo fato de desconhecerem os mecanismos psicológicos que permeiam as relações afetivas e que regem o comportamento humano nas atividades de lazer, acabam fracassando na montagem de equipamentos quando estes não estão vinculados à percepção ambiental mediada pela dimensão cultural.

Uma aplicação imediata emerge na implantação de espaços de lazer na cidade, recondicionando o uso de um patrimônio pré-existente. Assim, um equipamento ocioso, palco de atividades pretéritas (barracões desativados de uma indústria têxtil, por exemplo) pode ter um significado especial para uma cidade, evocando histórias de vida de familiares recheadas de detalhes que se relacionam à memória coletiva, despertando, portanto fortes emoções pela mobilização de vínculos afetivos. Ao assumir novos usos, como um centro cultural, por exemplo, se a memória for mantida através de fotos, recortes de jornais, objetos da época, a chance de tornar-se um equipamento de lazer vivo e exitoso será seguramente maior do que um equipamento totalmente novo, principalmente se a comunidade não for ouvida, nem participar do planejamento do mesmo. A estes locais chamaremos de lugares refuncionalizados de lazer. Como exemplos podemos citar: o centro cultural Dragão do Mar, em Fortaleza (CE); a grande área portuária restaurada do Recife (PE), o centro cultural do antigo porto fluvial, em Cuiabá (MT), entre outros. É o equivalente a Puerto Madero, na Argentina.

Parques temáticos e shopping-centers - espaços normatizados de lazer

Aos lugares de lazer, criados e legitimamente apropriados pela comunidade contrapõem-se o que chamaremos de espaços normatizados de lazer - em que os parques temáticos constituem o melhor exemplo (PADOVANI; 2002).

O ato do consumo consciente é um ato humano por excelência, segundo o qual o indivíduo busca atender às suas necessidades físicas e biológicas, culturais e estéticas. Neste ato deve-se participar plenamente, movidos pela sensibilidade, pela imaginação, pela inteligência e pela liberdade. Porém, num mundo onde predomina a produção alienada, o consumo tende a ser também alienado. Assim sendo, a produção em massa tem como corolário o consumo de massa.

Quando o trabalho e o consumo são alienados, é difícil evitar-se que o lazer também não o seja. A passividade e o embrutecimento no trabalho repercutem diretamente no lazer. Pessoas submetidas a um trabalho mecânico e repetitivo têm o tempo livre ameaçado pela fadiga, talvez mais psíquica do que física, tornando-se incapazes de relaxar. Provavelmente por isso são

atraídas por atividades físicas radicais, por esportes e brinquedos frenéticos, pois parecem buscar compensações violentas que as subtraíam da inércia dos sentidos e da emoção.

É neste contexto que se coloca o parque temático criado com o objetivo de oferecer diversões com muita adrenalina a fim de proporcionar evasão total, fuga do cotidiano. A alienação que roubou das pessoas a detenção dos meios de produção e o prazer do trabalho criativo se irradia para o tempo que deveria ser livre, tornando o indivíduo duplamente alienado, tanto no trabalho, quanto no lazer. "Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário" (SANTOS; 1987:13).

Há que considerar-se ainda que o parque temático funciona também como espaço de produção e de consumo. A formatação das mercadorias produzidas e consumidas instantaneamente no parque, durante um tempo de lazer, mercadorias estas em grande parte intangíveis, emprestam ao parque temático a conotação de um lugar produtivo, de natureza híbrida, porque a produção e o consumo são instantâneos, tratando-se tanto de consumo consumptivo (consumo de imagens, consumo de guloseimas - que se esgotam em si mesmos) quanto de consumo produtivo, que tem a função de gerar novos consumos, considerando o merchandising veiculado no parque.

Os detentores dos meios de produção apropriam-se do tempo excedente no trabalho (sobretalho), repetindo-se o mesmo processo na apropriação do tempo do lazer. Quando se reporta ao lazer nos parques temáticos e às horas despendidas em frente à televisão. Javier Echeverría, na sua admirável obra metafórica - *Telépolis* - observa este fato tanto no lazer normatizado, quanto no turismo massivo, argumentando que "através do consumo produtivo do tempo de ócio logra-se gerar um novo mercado que, dada à grande massa de telepolititas que o compõem como usuários, acaba adquirindo uma envergadura bastante considerável. Assim como a televisão e os meios de comunicação estão orientados a tornar produtivo o tempo posterior à jornada laboral, e inclusive as noites, o turismo desempenha a mesma função com respeito aos descansos semanais ou anuais. Ao conseguir que o tempo livre deixe de ser improdutivo, *Telépolis* descobriu uma nova fonte de riqueza desconhecida para outras culturas, tradicionalmente assentadas na divisão entre tempo de ócio e tempo de trabalho" (ECHEVERRÍA; 1994:93).

Os parques temáticos representam o espaço simulacro por excelência, transpondo-se, através da alegoria, e sem nenhuma cerimônia, tempos e espaços distintos, aproximando civilizações e culturas de períodos históricos separados por distâncias continentais e por milênios de história. Os shoppings centers também podem ser enquadrados neste mesmo tipo, enquanto espaços artificiais de lazer. Estão assumindo a função das antigas ruas e praças como locus de sociabilidade, porém são espaços normatizados e segregacionais ditados pelos padrões hegemônicos. São espaços de lazer implantados de forma aleatória, não se vinculando a práticas de construção espontânea da sociabilidade, sedimentadas por práticas cotidianas e compartilhadas. Portanto, os shoppings centers, os condomínios fechados, os resorts, os parques temáticos representam uma fragmentação artificializada das cidades na medida que oferecem lazers normatizados e excludentes, mediados por práticas sociais desprovidas de sentimento

de pertencimento, não expressando vínculos identitários que caracterizam o lugar, conforme já acentuamos.

O convívio real e pessoal nas grandes cidades vai se enfraquecendo na medida que a nova megavia de comunicação- a Internet - penetra nas empresas, nas universidades, nos lares, nos bares. Os encontros para amizade e namoro, os bate-papos, os eventos, as confraternizações crescem através da Internet. Os efeitos perversos do mundo globalizado virtual, paradoxalmente doméstico, conduzem a humanidade à solidão. A ciberestrada tornou-se rapidamente o canal de comunicação global. O homem consegue tornar-se onipresente - além de estar em vários lugares ao mesmo tempo, pode interagir, simultaneamente, não só no tempo e no espaço presentes, mas também em espaços e tempos passados e futuros, através da realidade virtual e do simulacro.

Território e territorialidade - conceitos que configuram apropriação do espaço

A partir da concepção humanística de lugar reformulam-se também os conceitos de território e de territorialidade, que passam a assumir conotações existenciais e fenomenológicas, extrapolando assim as instâncias puramente topológica, jurídica e geopolítica para incorporar a riqueza da dimensão cultural.

Uma leitura de Ratzel (1844-1904) um dos fundadores da Geografia Moderna, mostra indubitavelmente que cabe à sociedade manter a posse do território sobre o qual e graças ao qual ela vive. O Autor via o Estado e a sociedade como um todo ao argumentar..." quando a sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado". Enfatiza o sentido geopolítico e jurídico do território que seria a base geográfica do Estado sobre a qual se exerce a sua soberania, em outras palavras, representa a dimensão espacial do poder. Assim as funções essenciais do Estado seriam o controle do território, a manutenção da sua integridade, da sua extensão eventual, a retificação das suas fronteiras. (RATZEL, 1914).

No decorrer dos tempos o Estado ganha legitimidade e autonomia, passando a assumir as funções de controlador e gestor, e também de empresa (o Estado neoliberal) distanciando-se muito dos reais interesses da população, estando não raro a serviço de grupos minoritários compostos pelas elites.

Um longo período de tempo transcorre entre Ratzel e os geógrafos contemporâneos, período fértil de reflexões, emergindo novas concepções que vão incorporando aportes conceituais decorrentes de diferentes leituras comprometidas com as respectivas linhas teóricas de análise dos recortes espaciais: espaço, região, território, paisagem.

Da leitura de Claude Raffestin (1993) depreende-se que o Autor reconhece o território nas suas instâncias jurídica e geopolítica sinalizando ainda a formação de territorialidades como resultado da ação conduzida por um ator sintágmico (ator realizando um programa) seja a que nível for. Assim, apropriando-se concretamente ou abstratamente (por meio de representações) de uma porção de espaço, este ator territorializa o espaço. Desta forma, ao produzir-se uma representação do espaço, revela-se também uma apropriação através do desenho de uma imagem

desejada, de um cenário de relações. Raffestin sinaliza ainda que todo projeto é subentendido por um conhecimento e uma prática social, ou seja, por ações que supõem evidentemente a posse de códigos, de sistemas sêmicos.

Do conceito de território emerge a noção de territorialidade que se vincula às relações de poder georreferenciadas. A territorialidade se define através da consciência territorial que motiva as ações humanas transformadoras, que clama por mudanças, tanto em nível pessoal, quanto coletivo, constituindo a verdadeira base para o desenvolvimento socio-espacial, onde o princípio da autonomia (Castoriades, 1983:22) empresta à coletividade o poder de reger-se por si própria , assumindo importância vital.

Estas discussões ganham força a partir da década de 1980, particularmente durante o processo de consolidação político-econômica da UE (União Européia) culminado com a ideologia do desenvolvimento com base local, uma bandeira de luta das coletividades que almejam resgatar o poder local , via controle do território, independentemente do autoritarismo e paternalismo do Estado, manifestado através de numerosos mecanismos de pressão. Da ação articulada dos diversos segmentos que compõem a comunidade emerge a consciência territorial , que levando em consideração os princípios de autonomia e liberdade:

- * modela os projetos de vida individuais e coletivos;
- * dita práticas espaciais;
- * converge para a sociabilidade solidária;
- * remete `a consciência espacial pautada por normas éticas universais, funcionando como antítese ao individualismo e `a alienação.

Há que ressaltar que uma nova pedagogia em construção reconhece que é na atividade dita improdutiva do ser humano que se situa a matriz da sua consciência crítica e transformadora, sendo esta moldada em grande parte pela consciência territorial, fundamental para a ação política, expressa no exercício da cidadania. Nesta direção Padovani acentua "os espaços de lazer, como espaços de encontro, tem a potencialidade de reforçar a idéia de territorialidade, no sentido de pertencimento" (2002:5)

Os espaços das festas populares manifestam fortemente a territorialidade, assim como os estádios de futebol exclusivos de uma determinada agremiação, os barracões das escolas de samba. A presença de outras torcidas (no caso dos estádios) e de membros de escolas rivais sempre é vista como uma ameaça , conduzindo não raro a sérios conflitos.

Como contraponto destes territórios aparecem ,por exemplo, os sambódromos públicos e os estádios públicos, como o Maracanã, no Rio de Janeiro e o Pacaembu , em São Paulo , não mais territórios de grupos locais constituídos por vínculos comunitários. Por serem mais democratizados não mobilizam tão fortemente os sentimentos de pertencimento entre os espectadores. A territorialidade emerge , entretanto, em outra escala - o sambódromos de São Paulo é orgulho dos paulistas, enquanto o do Rio de Janeiro ultrapassa inclusive a escala estadual, assumindo identidade nacional .

Paisagem e imagem- espaços cênicos de lazer e de turismo

O turismo como manifestação do lazer introduz novos códigos culturais e propõe novos sistemas de símbolos baseados em imagens que substituem a realidade e conduzem a julgamentos e comportamentos segundo padrões impostos pela sociedade e reforçados pelos meios de comunicação de massa.

O imaginário turístico resulta da captação pela mídia do imaginário coletivo de locais paradisíacos reproduzido no espaço concreto através da arquitetura e do paisagismo dos complexos turísticos, sejam eles hotéis, resorts, condomínios fechados, parques temáticos ou centros turísticos planejados, como Las Vegas, Cancún e outros centros turísticos mexicanos, centros de esqui planejados dos Alpes Franceses, Las Leñas, e porque não, Costa do Sauipe, só para citar um exemplo brasileiro atual. Assim já tinham sido as estâncias hidrominerais brasileiras na primeira metade do século XX, fundadas nos moldes europeus, nos estados de Minas Gerais e São Paulo, como Águas de São Pedro, inteiramente planejada na prancheta, no final da década de 1930 (RODRIGUES, 1985). Edificados secretamente, estes espaços se fundamentam em semióticas obscuras, em códigos tácitos resgatados sutilmente do imaginário coletivo. Revestem-se de visões simbólicas, formadas não por mecanismos de reconstrução objetiva do mundo, mas por sonhos ou por arquétipos culturais subliminares, que acabam globalizando-se e assim formando espaços simulacros, estandartizados, que correspondem os chamados não-lugares.

Antes de tratar da cenarização para fins de lazer turístico há que fazer algumas considerações em torno de paisagem, um dos recortes espaciais dos mais caros aos geógrafos e também aos arquitetos e paisagistas.

É mais ou menos consensual nos estudos de paisagem que esta deve ser entendida a partir do ponto de vista de um observador, em outras palavras, que a paisagem não existe sem o indivíduo que a observa. Partindo deste pressuposto, que o observador é um sujeito, o conceito de paisagem é impregnado de conotações culturais, simbólicas, valorativas. Mesmo em se tratando de uma foto e, portanto, de um quadro estático, vários elementos podem interferir na captação da imagem, tais como o posicionamento do observador, realçando e ocultando certos elementos, a incidência e o jogo da luz que produz superfícies opacas e outras luminosas, a distância e o ângulo escolhidos que poderão distorcer a escala dos objetos.

Apesar da paisagem ser dinâmica e apresentar transformações ao longo do processo histórico, o quadro captado é estático representando um momento de observação, por isso é um palimpsesto, um mosaico, o resultado de uma acumulação de tempos, como observou Milton Santos (SANTOS; 1996:66). Já o espaço contém o movimento (as ações), por isso, paisagem e espaço são um par dialético, complementam-se ao mesmo tempo que se opõem (SANTOS; 1988:72).

Segundo Bartley, o organismo humano apresenta dez modalidades sensoriais por meio das quais contata o mundo exterior. São a visão, a audição, o tato, a temperatura, a sinestesia, a dor, o gosto, o olfato, o sentido vestibular e o sentido químico comum (BARTLEY; 1978:82). A tudo

isto acrescenta-se a experiência individual e coletiva, edificada pela bagagem cultural, pela história de vida, que definem sistema valórico, pensamentos, sentimentos, ações e atitudes. Assim ler (sentir) a paisagem é muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem. Envolve um visão de mundo consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário. Os desdobramentos destas considerações em nível pragmático são observados no planejamento urbano, com o objetivo de marketing e publicidade de cidades, que através de projetos muito bem articulados de cenarização produzida, assumem a imagem de cidade-espetáculo, passando a atrair um número significativo de visitantes para desfrutar de espaços de lazer oferecidos em grande estilo. Os exemplos brasileiros são inúmeros a começar pelas imagens símbolos do país o Pão de Açúcar, o Corcovado e a Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro; o Palácio da Alvorada e o Congresso Nacional, em Brasília.

Nas duas últimas décadas do século XX e continuando até os nossos dias a indústria da imagem, incrementada pela sofisticada técnica de tratamento da imagem e difusão instantânea da informação, tem explorado intensamente os aportes conceituais da Psicologia da Percepção. Assim implementam-se intervenções urbanas de grande efeito visual, formatando cenários de grande apelo imagético para fomentar o chamado citymarketing com diversos objetivos tais como geopolíticos, como afirmação e projeção do Estado, para efeito de reforçar a auto-estima dos cidadãos - com todos os seus desdobramentos- e, também, como publicidade turística. As cidades de Curitiba e Fortaleza são bastante citadas como promotoras de megacampanhas de citymarketing, passando uma imagem de equilíbrio social, beleza, boa qualidade de vida, respeito ao ambiente, enfim escamoteando a realidade que as caracteriza como tão problemáticas como qualquer outra capital brasileira.

Alem da construção intencional de um cenário para efeitos de publicidade e marketing, deve-se considerar ainda a intencionalidade geopolítica, com forte teor de afirmação cultural-ideológica. O exemplo brasileiro mais notável é a cenarização de Brasília, cujos edifícios monumentais, assinados pelo mais famoso arquiteto brasileiro - Oscar Niemayer - uma celebridade mundial no campo da arquitetura, implantados num megacenário concebido pelo não menos conceituado paisagista brasileiro Lúcio Costa, é obra de referencia internacional, elevado inclusive à categoria de Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO. Se Brasília tivesse sido concebida e construída através de projetos mais modestos certamente não teria o mesmo impacto político que teve e ainda tem, pois a mudança da capital não só visava à interiorização do povoamento, mas também e sobretudo a difusão da idéia do Brasil como potência emergente, necessitando captar investimentos estrangeiros para financiar o projeto de desenvolvimento do país, capitaneado pela industrialização, o grande mote do governo de Juscelino Kubistchek (1956-1960).

Daí para o uso da imagem com fins turísticos foi um processo quase natural. Conhecer Brasília tornou-se um sonho de todo brasileiro, incorporando ao imaginário coletivo mais um signo de patriotismo. Pouquíssimos visitantes se dão conta do que há por trás do belo e rico cenário da capital, uma vez que as condições de vida das populações das cidades satélites são desumanas igualando-se às péssimas condições vividas pelas populações da periferia social de todas as áreas metropolitanas e demais capitais brasileiras. Vale ressaltar o paradoxo - Brasília como

símbolo de patriotismo nacional, de um lado, e a Brasília do desenraizamento, do não-lugar de grande parte dos habitantes que lá residem, uma vez que a maioria deles é constituída de migrantes oriundos de todas as regiões brasileiras, com predomínio do Nordeste.

Espaços de Lazer e Turismo em áreas metropolitanas - sugestão de uma tipologia

O processo de metropolização e o aparecimento de padrões de arranjos espaciais característicos das sociedades pós-industriais, onde o lazer e o turismo vêm assumindo significativa importância, como já observamos no início, requer uma redefinição dos parâmetros de análise que dêem conta das relações entre os centros metropolitanos e sua periferia. Nesta fase de turbulência lúdica-turística, que se incrementa e se diversifica, os rebatimentos territoriais das atividades se expressam pela poli-espacialidade e pela multifuncionalidade.

Um estudo já antigo (1977) e ainda pleno de significado foi o realizado por Jüergen Richard Langenbuch sobre os municípios turísticos do estado de São Paulo, onde o Autor estabelece um zoneamento turístico do estado. O espaço peri-urbano que circunda a metrópole paulista é denominado neste estudo de cinturão circunmetropolitano, composto essencialmente por chácaras de veraneio, por clubes de campo e clubes aquáticos, por restaurantes campestres. Com base nestas considerações e pensando no território brasileiro pode-se usar uma adaptação destas tipologias, que, acreditamos ser válida para as regiões metropolitanas e também para cidades médias que têm um papel de capital regional, tais como as regiões de Campinas, de São José dos Campos, de Bauru, de Araçatuba, de São José do Rio Preto, de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. Vale ressaltar que muitos estudos já foram feitos no sentido de definir modelos de espaços turísticos baseados na Teoria das localidades centrais de W. Christaller. Autores brasileiros também têm feito referências a estes modelos, como EUFRÁSIO (1996) e MELLO e SILVA (1997).

Com base nesta argumentação sugerimos uma classificação de espaços de lazer e turismo em áreas metropolitanas, cuja população numerosa constitui uma demanda real e potencial, formada por diversos segmentos sociais, inclusive dos estratos de baixo poder aquisitivo, que se desloca em meios de transporte coletivos.

A proposta que se segue é apresentada à guisa de sugestão, sendo inspirada em parte no modelo das conchas do homem de Moles e Rhomer (APUD: RODRIGUES; 2002:156), incorporando os conceitos geográficos de lugar, território e espaço:

1. lazares domésticos - representados pelas atividades desenvolvidas no domicílio, ou simplesmente pela fruição do tempo livre.
2. lugares de lazer do cotidiano imediato - que abrange o bairro, este concebido como território do mundo vivido; que é o território do cotidiano banal, ou os espaços das tribos urbanas.
3. territórios de lazer peri-urbanos - compreendendo espaços aureolares em torno das metrópoles onde se desenvolvem atividades de lazer e de turismo tais como estadas em clubes de campo, em segundas residências, atividades em pesque-pagues, visitas a parques temáticos,

freqüência a restaurantes campestres, participação em festas, churrascos e piqueniques em chácaras, visitas a praias próximas à cidade, excursões a áreas verdes naturais, visitas a represas ensejando a prática de esportes aquáticos, além de outras. Estes espaços se localizam a partir de um raio aproximado de até 50 km. a partir do centro urbano, considerando uma rede viária de qualidade que permita deslocamentos confortáveis diários não superiores a duas horas de percurso de ida e volta.

4. espaços turísticos aureolares - também organizados a partir de faixas concêntricas em relação a zonas metropolitanas importantes, como por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, cuja territorialidade é definida em função da freqüência de turistas domésticos residentes nas áreas metropolitanas, deslocando-se em carros de passeio, em ônibus de linhas regulares ou fretados, em trens intermunicipais, em motocicletas. É interessante salientar que é visivelmente comum a organização de espaços de lazer e de turismo peri-urbano que circundam regiões metropolitanas brasileiras, capitais de estado e cidades de porte médio que se localizam em regiões agrícolas ricas e altamente tecnificada como algumas do estado de São Paulo.

Um dos exemplos dos mais representativos no Brasil é a aureola de chácaras de veraneio da metrópole paulista cenarizada em áreas " serranas" com especial destaque para a região sul representada pelo bairro de Santo Amaro e o município de São Bernardo do Campo; a região norte, emoldurada pela serra da Cantareira (municípios de Mairiporã, Franco da Rocha); a região sudoeste (municípios de Embu, Itapeverica da Serra, Embu - Guaçu, São Lourenço da Serra); a região oeste (municípios de Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba, Barueri, Cotia), para citar apenas as mais expressivas. Trata-se, não raro, de áreas de relevo mais acidentado, com uma maior presença de áreas verdes e importantes espelhos d'água, formados por reservatórios que abastecem a metrópole. Além de propiciarem micro-climas mais agradáveis em termos de conforto térmico, oferecem a possibilidade da prática de esportes aquáticos.

Estes nichos de paisagem peri-urbana são fortemente inflacionados pela especulação imobiliária, não somente em função do conforto ambiental que proporcionam, mas também como refúgios paradisíacos, valorizados pela mídia, que acaba influenciando decisivamente o imaginário coletivo. Alia-se a isto o efeito de demonstração, emprestando aos proprietários de casas de veraneio nestes locais um status social privilegiado. É nestas áreas também que se situam os condomínios fechados, destinados a uma clientela de alto poder aquisitivo, que se isola por trás de altos muros fortemente vigiados. É interessante observar que os habitantes ricos das metrópoles dos países periféricos, assustados pela violência urbana vivem em verdadeiras bolhas artificiais - são bolhas de moradia (condomínios fechados), bolhas de lazer (clubes fechados), bolhas de compras e lazer (shoppings-centers), bolhas de ensino (grandes colégios de empresas provadas). Na Região Metropolitana de Curitiba também temos um cinturão onde esta se desenvolvendo o programa de turismo e lazer em espaço rural, denominado de Anel de Turismo, procurando aliar a exploração do turismo (trata-se na realidade de lazer peri-urbano), à conservação ambiental e à preservação histórico-cultural, em particular das colônias de imigração européia, onde Colombo é conhecido como município piloto do circuito italiano de turismo rural.

A semelhança dos exemplos anteriores surge nos arredores de Vitória (ES) importante região de turismo em espaço rural e lazer peri-urbano alimentada maioritariamente pela demanda da capital

capixaba, onde Venda Nova do Imigrante e Domingos Martins são os municípios de maior destaque.

Outros exemplos pontuais podem ser encontrados em vários outros estados, sob a mesma ótica, aliando pelo menos três elementos fundamentais: uma demanda urbana expressiva, vias de transporte que asseguram rápidos deslocamentos e clima mais ameno em função de relevo mais acidentado e cobertura vegetal mais densa. São os casos de Petrópolis e Teresópolis, para o Rio de Janeiro, a serra Gaúcha para Porto Alegre (com destaque para Bento Gonçalves e Caxias do sul), a Chapada dos Guimarães para Cuiabá, a Serra de Guaramiranga, para Fortaleza, Gravatá para o Recife, e até a pequenina Taquarussu, para Palmas (TO). Este pequeno inventário não tem a intenção de ser exaustivo uma vez que nosso objetivo foi o de apenas citar alguns exemplos para mostrar uma tendência que é quase um modelo, inclusive em escala internacional.

Para concluir

Algumas questões colocadas no texto são respondidas durante a exposição, como por exemplo a crítica sobre o consumo alienado no tempo - espaço e práticas do lazer. Outras questões ,entretanto, carecem de reflexão, as quais preferimos deixar em aberto. São as seguintes: O primeiro questionamento que nos ocorre refere-se a como resistir à morte do espaço livre público e `a segregação socioespacial dos equipamentos públicos e também dos privados (privatização ilegal de praias por hotéis, resorts e condomínios fechados)?

Como desdobramento desta questão observamos: seria realmente factível a convivência pelo uso democrático e socialmente heterogêneo de certos equipamentos de lazer em zonas urbanas intersticiais entre bairros de elite (econômica) e favelas? Um dos exemplos mais conhecidos em São Paulo é o bairro do Morumbi, em cujos arredores formaram-se imensas favelas (Paraisópolis). Caso a resposta seja positiva haveria que pesquisar e divulgar amplamente os resultados para que sirvam como alimentadores de esperança para uma vida digna nas grandes metrópoles, onde o lazer assume, indiscutivelmente, um papel relevante não somente como direito do cidadão, mas também como indutor de solidariedade, de liberdade e de autonomia, tanto individual, quanto grupal.

Finalmente uma das questões das mais complexas refere-se ao turismo dito cultural, onde o qualificativo parece redundante, uma vez que todo tipo de lazer e de turismo é necessariamente vinculado à cultura. Seria realmente condenável o uso do patrimônio cultural, seja ele material ou simbólico, como recurso a ser explorado pelo lazer e pelo turismo? Os argumentos contra estas práticas assinalam a desterritorialização, a fetichização, a fruição voyeurística, a massificação, a perda da identidade (MENEZES; 1996:99) na medida que os bens culturais assumem valor de troca. Aceitar ou até suportar isto não seria, em última análise, compactuar com comportamentos de turismo e de lazer massificadas e alienantes, que capturam de forma voraz e inescrupulosa o tempo livre individual e social, ferrenhamente conquistado?

Bibliografia

- BARTLEY, S. Howards. Princípios de la percepcion. México: Trilhas, 1978. Geografia. São Paulo, AGB, no. 67: 1726. 1º sem. 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: ELFOS, 1995.
- CASTORIADES, Cornelius. Socialismo ou barbárie. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ECHEVERRÍA, Javier. Telépolis. Barcelona: Ediciones Destino 1994.
- EUFRÁSIO, Mario. O turismo na obra de Cristaller. In: LEMOS, Amalia Ines (org.) Turismo. Impactos Socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FREMONT, Armand - Região: espaço vivido. Coimbra: Livraria
- GONCALVES, Fábio Mariz. Discussões sobre o papel dos espaços livres públicos nos bairros de elite contemporâneos. Paisagem e Ambiente. Ensaios: FAU-USP, no.15:9-34, dez.2002.
- LANGENBUCH, Juergen R. - Os municípios turísticos do estado de São Paulo: determinação e caracterização geral. Revista Geografia, UNESP: Rio Claro, vol. 2, núm. 3, abril 1977.
- MELO e SILVA, Sílvio. Turismo e urbanização. In Rodrigues, Adyr B. (org.) Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 163-171.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os " usos culturais" da cultura. Contribuição para uma abordagem critica das praticas e políticas culturais. In: Yazigi, Eduardo (org.) . Turismo. Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1996. P. 88-99.
- PADOVANI, Eliane. Parque Temático: Modernização e Consumo do Espaço. Rio Claro: UNESP, 2002. (Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas)
- RATZEL, F. Geografia dell' Uomo. Turim: Fratelli Bocca, 1914.
- RAFFESTIN, claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, Adyr Balastreri. Águas de São Pedro: estância paulista. Uma contribuição a Geografia da Recreação. São Paulo : DG-USP, 1985 (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da USP da FFLCH-USP).
- RODRIGUES, Adyr B. Tempo livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, no. 67: 1726. 1º sem. 1989.
- RODRIGUES, Adyr Balastreri. Um desagravo à " Paulicéia desvairada" Lazer e turismo na metrópole paulista. . In: CARLOIS, Ana Fani e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs). Geografias de São Paulo. Representação e crise na metrópole. São Paulo: Contexto, 2004.
- RODRIGUES, Adyr Balastreri. Lazer e Espaço na cidade pós - industrial. Revista Licere, Belo Horizonte : CELAR-UFGM, v.5, n.1: 149-164, 2002.
- SANTOS Milton et al. (org.) . Fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1994.
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. Técnica. Espaço. Tempo. São Paulo: Hucitec. 1996.
- SILVA, Maria da Gloria Lanci da . Os cenários do lazer. Turismo e transformação da paisagem urbana. São Paulo, FAU-USP, 2003. (Tese de doutoramento apresentada à FAU-USP)
- SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder , autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná, GOMES, Paulo César, CORREA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- TUAN, Yu-Fu . Espaço e Lugar. São Paulo: Difel, 1983.